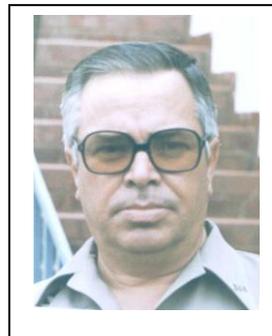


FHE POUPEX

**O CENTENÁRIO EM 20 DE SETEMBRO DE 1913 DA FUNDAÇÃO DA REVISTA A
DEFESA NACIONAL NO CLUBE MILITAR**



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Natural de Canguçu-RS ,Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB),do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História,sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969.

Artigo do autor digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim a AMAN e em levantamento para integrá-lo no programa Pergamium de bibliotecas do Exército

O CENTENÁRIO EM 20 DE SETEMBRO DE 1913 DA FUNDAÇÃO DA REVISTA A DEFESA NACIONAL NO CLUBE MILITAR



Óleo em tela de Álvaro Martins representa a reunião de fundação em 20 de Setembro de 1913, no Clube Militar, da revista *A Defesa Nacional*. O original decora o Gabinete do Comandante do Exército. Este óleo figura em preto e branco em nosso artigo *Reunião no Clube Militar para a fundação da revista A Defesa Nacional* em seu nº 715 e, em cores na capa da revista nº 750, mas com data de fundação errada, como sendo em 10 de outubro de 1913. Ela ilustra a capa do livro *Soldados da Pátria — História do Exército Brasileiro 1889-1937* do historiador Frank McCann. A ilustração a seguir representa os fundadores como o pintor representou, com apoio em pesquisa e orientação do autor como Presidente da Comissão de História da Revista *A Defesa Nacional* a época em que o Cel Aldílio Sarmento Xavier, dirigia a Biblioteca do Exército e editava as revistas *A Defesa Nacional*, a *Revista do Exército* e a *Revista do Clube Militar*

UMA REUNIÃO HISTÓRICA NO CLUBE MILITAR, EM 20 DE SETEMBRO DE 1913

A pintura à óleo focalizada e hoje no Gabinete do Comandante do Exército é de autoria do pintor Alvaro Martins e foi elaborada com o apoio em nossas pesquisas e orientação, como Presidente da Comissão de Pesquisa de História Básica da revista *A Defesa Nacional* criada em 10 de outubro de 1983, pela Cooperativa Militar Editora e Cultura Intelectual, *A Defesa Nacional* e a pedido de seu Diretor, o Cel Inf QEMA Aldílio Sarmento também. Diretor da BIBLIEx.

O óleo procurou perenizar a histórica reunião em que ficou decidida a criação de **A Defesa Nacional**, em 20 de setembro de 1913, em dependência do Clube Militar, por 12

jovens oficiais idealistas, fundadores e mantenedores da mesma, apelidados à época de “jovens turcos” e designados em sociedade de “patentes novas” do Exército, segundo Pedro Calmon. A Reunião foi documentada em Ata nº1, adiante publicada.

Somente 20 dias depois, em 10 de outubro de 1913, da data que o grupo consagrou como a fundação da revista, é que teve lugar a reunião na Papelaria Macedo, à Rua da Quitanda 74, onde os fundadores receberam o primeiro número editado, o nº 1, com a data daquele dia. Nessa Reunião, segundo Francisco de Paula Cidade, os 12 fundadores presentes “adotaram a filhinha recém-nascida”

O grupo fundador era constituído de seis capitães, cinco 1º tenentes e um 2º tenente. Pertenciam às seguintes armas: cinco de Infantaria, seis de Artilharia e somente um de Cavalaria. A Engenharia não se fez representar, pois, criada em 1908, estava em fase de estruturação.

Do grupo inicial onze eram egressos da Escola Militar da Praia Vermelha, sendo que nove com curso no Exército Alemão de 1910-19 12. Somente Paula Cidade era egresso da Escola de Guerra de Porto Alegre que substituiu a Escola Militar da Praia Vermelha, fechada em 1904 e extinta em 1905. As idades variavam de 29 a 42 anos. Cinco se situavam entre 29-32 anos, quatro entre 31-37 e três entre 40-42.

O grupo era originário dos seguintes Estados: quatro do Rio Grande do Sul, um do Paraná, quatro do Rio de Janeiro, um de Alagoas, um do Ceará e um do Maranhão.

Pouco mais tarde, ao grupo fundador e mantenedor inicial, juntou-se como mantenedor o 2º Tenente de Infantaria José dos Mares Maciel da Costa, de São Paulo, passando o grupo ao número de 13 mantenedores, dos quais só 12 fundadores.

Os “jovens turcos” identificaram-se em torno dos objetivos de fundação de uma revista de assuntos militares, em aulas de jogo de guerra, patrocinadas na 9ª Região de Inspeção Permanente (atual 1ª Região Militar) por seu comandante, General-de-Divisão. Antônio A. de Souza Aguiar.

Explicação do quadro da fundação da Defesa Nacional

Sentados, de forma paritária e informal, a alegoria mostra, com o auxílio da ilustração de silhuetas numeradas, como o artista concebeu os 13 mantenedores, com apoio em fotos dos mesmos existentes na sede da revista, no Palácio Duque de Caxias.

São os seguintes os 13 sócios mantenedores, cuja memória hoje é cultuada com muito respeito e admiração por todos quantos no Brasil em especial no Exército têm se devotado a problemas relacionados com a Defesa Nacional e ao desenvolvimento de nossas Forças Armadas, à altura do destino de grandeza que o povo brasileiro vem lutando para construir:

1. **1° Ten Art Bertoldo Klinger.** Nasceu em Rio Grande -RS, em 1° de janeiro de 1884. Foi um dos três idealizadores da revista em viagem marítima de retorno ao Brasil, de Curso no Exército Alemão, e um dos três primeiros redatores. Era o mais moço do grupo. Foi eleito, por unanimidade, Presidente de Honra e redator-chefe. Representava a tropa, servindo no 1° Regimento de Artilharia. Foi o recordista em colaborações à revista nos mais variados assuntos. Atingiu o posto de General-de-Brigada, na Ativa (7/maio/1931).Sobre ele já esquecido, escrevemos o artigo Centenário do General Bertoldo Klinger co-fundador da revista **A Defesa Nacional**, em seu nº 711,1984 jan/fev,p.5/16. Com seu depoimento foi possível em grande parte produzirmos o livro **Escolas Militares de Rio Pardo 1859-1911**.Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS/Gênese, 205 em parceria com o Cel Inf QEMA Luiz Ernani Caminha Giorgis presidente da AHIMTB RS Gen Rinaldo Pereira Câmara.

2. **1° Ten Inf Estevão Leitão de Carvalho.** Nasceu em Alagoas, em 6 de abril de 1881. Foi o lançador da ideia da revista em viagem marítima, de retorno ao Brasil, de curso no Exército Alemão, e um dos seus três primeiros redatores. Escreveu sobre assuntos ligados à Infantaria. Foi chefe de escol. Comandou a 3 Região Militar, com papel destacado nas manobras de Saican-RS, durante a 2 Guerra Mundial. Foi representante do Brasil, nos EUA, na Comissão Mista de Defesa Brasil-EUA que ajudou a concretizar a cooperação do Brasil no esforço de guerra aliado, através em especial da FEB. Atingiu o posto de General-de-Divisão na Ativa (24 de maio de 1940). Foi historiador destacado dos IGHMB e IHGB. Sintetizou sua vida e obra o acadêmico e vice-presidente da AHIMTB o coronel Arivaldo Silveira Fontes ao inaugurar cadeira da hoje FAHIMTB, em homenagem ao General Estevão de Carvalho. Cadeira que hoje tem por titular o Gen Ex Paulo Cesar Castro ex-comandante da ECEME como o seu patrono. Oração do Cel Arivaldo publicada na seguinte obra por ele organizada **AHIMTB posses de acadêmicos 1996-1997**. Brasília:SENAI, 1998. p.51 /60. Ao historiador militar Estevão Leitão de Carvalho muito está a dever o IHGB a sua moderna sede, por haver intermediado um empréstimo da CEF, entre o seu presidente no IHGB Dr Pedro Calmon e o seu ex-instruendo e agora na presidência da República General Emílio Garrastazu Médici. Seu precioso arquivo pessoal foi doado pela família ao acadêmico General Médico Alberto Martins da Silva, em Brasília. O General Leitão de Carvalho doou seus livros a Biblioteca da AMAN e presidiu por 20 anos a Fundação Osório dedicada a educação de órfãos de militares das Forças Armadas.

3. **Cap. Inf Mano Clementino de Carvalho.** Nasceu no Rio de Janeiro, em 7 de maio de 1876. Formou-se na Escola Militar da Praia Vermelha. Era Secretário do Clube Militar na época. Autor da ideia do nome da revista, como síntese dos objetivos da mesma. Foi o redator dos dois primeiros editoriais e, por largo tempo, professor da Escola Militar do Realengo. Comandou como coronel, posto que atingiu na Ativa. Era muito estimado por seus alunos no Realengo. E patrono de cadeira na FAHIMTB. Desenvolvemos seu currículo ao final como homenagem da FAHIMTB.

4. **1° Ten Cav Euclides de Oliveira Figueiredo.** Nasceu no Rio de Janeiro, em 12 de novembro de 1883. Foi aluno interno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, 1896-1901. Coursou Cavalaria no Exército Alemão em 1911-12, sendo o único representante da nobre Arma no grupo e no 1° Regimento de Cavalaria (hoje Dragões de Brasília). Atuou no Contestado, e mais tarde chefiou o Curso de Cavalaria da histórica Missão Indígena da Escola Militar do Realengo. Colaborou em assuntos ligados á Cavalaria. Comandou o 1° RC, atual Dragões da Independência, que foi levado para Brasília por seu filho Cel João de Oliveira Figueiredo. E também a la Brigada de Cavalaria, em Alegrete e a 2 Divisão de Cavalaria em Uruguaiana, como coronel. Comando mais tarde exercido por seus filhos generais Euclides e Diogo de Oliveira Figueiredo. Abordamos a sua vida militar na obra em parceria com o Cel Luis Ernani Caminha Giorgis 2 Brigada de Cavalaria Mecanizada Brigada Charrua. Porto Alegre: Edit. Metr pole/AH 1 MTB/I HTRGS ,2007. p. 123/125. Atingiu, na reserva, o posto de General-de-Divisão.

5. **2° Ten Inf Francisco de Paula Cidade.** Nasceu em Porto Alegre, em 22 de dezembro de 1883. Foi secretário da revista. Havia participado em 1910 da funda o e dire o da **Revista dos Militares 1910/1922** em Porto Alegre. Era o mais moderno e o único egresso da Escola de Guerra de Porto Alegre. Comandou unidades de Infantaria em Corumbá e Belo Horizonte e a ID/9 e, a 8 Região Militar, em Belém, como General-de- Brigada. Foi juiz militar da FEB. Infante de esc l e historiador e geógrafo militar dos mais fecundos do Exército, é hoje patrono de cadeira no IHGMB, que foi por nos ocupada, e da FAHIMTB. Sobre sua vida e obra escrevemos artigo na revista em seu n 709, set out 1983 as p.13/35 intitulado; Paula Cidade um soldado a serviço do progresso do Exército, no qual levantamos toda a sua obra literária. Sua biblioteca foi entregue a Biblioteca da AMAN. Foi o introdutor no Realengo por decisão de seu comandante Cel José Pessoa do ensino de Geografia Militar tendo produzido a valiosa obra Notas de Geografia Militar sul-americana. Rio de Janeiro; Escola de Realengo, 1934 led e pela BIBLIEx em 1942 2ed. Obra que abordava o Terreno, um dos fatores da decisão militar a nível de América do Sul e que foi muito, apreciado pelos exércitos de países irmãos.

6. **1° Ten Art Brasílio Taborda.** Nasceu, em 20 de maio de 1877, no Paraná. Foi colaborador da revista da qual mais tarde se tornou redator-chefe. Chegou a ser mobilizado durante dois meses no período da **1a** Guerra para lutar na Europa. Atingiu o generalato na Ativa, tendo comandado a 8 Região Militar, em Belém. Foi um dos três oficiais que idealizaram a revista em viagem marítima de retorno ao Brasil, de curso no Exército Alemão.

7. **1° Ten Art José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti.** Nasceu em 11 de março de 1879, no Ceará. Foi destacado colaborador em assuntos relacionados com tiro de Artilharia. Também representava a tropa - o 1° Regimento de Artilharia. Comandou a **ga** Região Militar em Mato Grosso. Depois atingiu o generalato. Ligou-se sentimentalmente **  A Defesa Nacional**.

8. **Cap Art Cezar Augusto Parga Rodrigues.** Nasceu em 1 de dezembro de 1871. Foi colaborador assíduo da revista, de capitão a general, sobre assuntos de Artilharia, virtudes militares, remonta e profissionalismo militar. Atingiu o posto de General-de-Divisão, tendo comandado o **10** Distrito de Artilharia de Costa, a la Brigada de Artilharia Anti-Aérea e a 3 Região Militar.

9. **2° Ten Inf José dos Mares Maciel da Costa.** Nasceu em 1 de setembro de 1877, em São Paulo. Não participou da fundação da revista, embora esta o represente no quadro, em homenagem aos seus serviços e sacrifícios por suas ideias, punido que foi disciplinarmente em 1915, junto com Klinger e Pompeu Cavalcanti, estes reincidentes, no célebre incidente gerado pelo número da revista de 10 de dezembro de 1915 que publicou o artigo “Exame do Batalhão”, no qual denunciavam uma farsa na instrução, lesiva a operacionalidade do Exército e contado por Paula Cidade em ***Síntese de três Séculos de Literatura Militar Brasileira***. Maciel da Costa servia no 52° BC. Como capitão transferiu-se para a Intendência de Guerra, tendo falecido em Porto Alegre. Fazia parte dos treze mantenedores, mas não dos doze fundadores. E incluído no quadro alegórico como homenagem da revista.

10. **Cap Epaminondas de Lima e Silva.** Nasceu em 26 de novembro de 1872 no Rio Grande do Sul. Coursou Artilharia no Exército Alemão. Como major foi presidente e redator-chefe da revista. Atingiu o posto de coronel, tendo comandado o 1° Grupo de Artilharia de Montanha e a 9 Região Militar. Era ligado por laços de parentesco ao Duque de Caxias — Patrono do Exército e da FAH)MTB e AHIMTB filiadas. Foi chefe do Curso de Artilharia da “Missão Indígena” da Escola Militar do Realengo.

11. **Cap Int Joaquim de Souza Reis. Nasceu em 2** de novembro de 1881, no Rio de Janeiro. Coursou a Infantaria no Exército Alemão. Foi um dos três primeiros redatores da revista. Integrou o 58° Regimento de Caçadores de Niterói, no Contestado. Faleceu como major, em 7 de agosto de 1924, deixando duas filhas de seu consórcio com a alemã Vali Van der Ki-len. Foi punido no incidente de crítica ao “Exame de Batalhão”, quando foi substituído por Maciel da Costa na redação, por ter sido transferido para o Sul, sem nenhuma ligação com o incidente.

12. **Cap Art Francisco Jorge Pinheiro.** Nasceu em 25 de março de 1873. Coursou a Artilharia no Exército Alemão. Foi redator da revista. Comandou a 4. Região Militar em Juiz de Fora de 1930-32, sendo transferido para a reserva como General-de-Divisão, em 25 de novembro de 1933. Segundo o General Lyra Tavares, Jorge Pinheiro é o autor da letra da Canção da Artilharia, colocada sobre a música da Canção da Infantaria da Alemanha, com ritmo ou cadência lenta.

13. **Cap Inf Amaro de Azambuja Vilanova.** Nasceu em 18 de abril de 1879 no Rio Grande do Sul. Coursou a Artilharia no Exército Alemão. Colaborou com diversos assuntos e entre eles “Um combate aéreo na Frente Sul no início da Revolução Paulista de 32”. Atingiu o posto de General-de-Brigada, tendo comandado a 7 Brigada de Infantaria do seu tempo.

PROJEÇÃO HISTÓRICA DA REVISTA

A revista **A Defesa Nacional** foi criada no contexto da Reforma Militar 1898-45 e, na Presidência da República do Marechal Hermes da Fonseca — o seu grande artífice e dínamo de 1904-1914, como comandante da Escola de Aplicação do Realengo e do 4° Distrito Militar, atual 1a Região Militar, Ministro da Guerra e Presidente da República.

Dentre as múltiplas e significativas projeções históricas da revista registre-se:

A relevante contribuição para a consolidação da revolução cultural do Exército, desencadeada pelo Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo que vigorava desde 1874, para o profissionalismo militar que até hoje vigora.

Haver cristalizado e suportado a corrente do pensamento militar brasileiro que contribuiu para orientar as preocupações do Exército para a sua operacionalidade, atualização e modernização, circunstâncias que ajudaram a arrancar o Exército dos ultrapassados padrões operacionais revelados em Canudos, no sertão da Bahia, em 1897, inferiores aos da Guerra do Paraguai, aos notáveis revelados pela FEB, na Itália, em 1944-45.

Haver contribuído para produzir uma geração de escritores militares que se tornaram notáveis nos mais variados setores da problemática relacionada com a Defesa Nacional, em todos os seus níveis.

Constatar isto é obra de simples verificação dos índices de autores e assuntos de cada número em 100 anos de existência. Na falta de um índice geral da mesma que facilitaria sobremodo esta verificação. Pois por suas páginas, desde 1913, desfilou expressiva parcela de inteligência nacional, civil e militar com contribuições as mais diversas, abordando os problemas nacionais mais relevantes, muitos, inclusive, em caráter pioneiro. Abordagens hoje sepultadas em números das revistas por falta de um índice geral de autores e assuntos e mesmo por falta de uma coleção digitalizada da revista à disposição, na Internet, dos alunos de nossas escolas militares para a elaboração de suas monografia, dos historiadores, pensadores e planejadores do Exército e em especial de seus chefes. Enfim um precioso tesouro a ser desenterrado por traduzir a evolução do pensamento militar brasileiro em um século.

Foram de seus quadros dirigentes, no passado, os ex-presidentes marechais Eurico Gaspar Dutra e Humberto de Alencar Castelo Branco e o General-de-Exército João Batista de Oliveira Figueiredo, filho de um dos fundadores e o Presidente que levou o Brasil à Antártida, um dos grandes sonhos da revista.

Por tudo, os 13 “jovens turbos” ou “patentes novas” que tiveram a feliz inspiração de fundar, manter, vivificar e projetar nacionalmente a revista, se tornaram credores da admiração nacional. Constituem-se hoje, um exemplo digno de ser imitado por todos quantos neste imenso Brasil, no mar, na terra e no ar, dedicaram o melhor de si, num trabalho anônimo, para dotarem o Brasil de Forças Armadas a altura de sua atual expressiva projeção econômica e mundial Tarefa grandiosa, cuja responsabilidade maior é dos poderes Executivo e Legislativo que representam o Povo Brasileiro que os elegeram para o re presenta e o defender.

Os “jovens turcos” e todos os colaboradores de “A Defesa Nacional” 1913-1944, contribuíram com seus escritos, para a organização da Força Expedicionária Brasileira, que representou o povo brasileiro de modo condigno, ao lutar, lado a lado ou contra frações expressivas dos melhores exércitos do mundo presentes na Europa na 2 Guerra Mundial.

“Não cora o sabre de ombrear com o livro, nem cora o livro de chamá-lo irmão”

Esta parece ser a grande lição, reafirmada diversas vezes pela História, a extrair hoje dos fundadores de **A Defesa Nacional**, patriotas, escritores de circunstância e profissionais militares de escól ao serviço da grandeza das Forças Armadas do Brasil. Ação meritória que o Tribunal da História julgou e consagrou como fato nacional

relevante, com sentença transitado em julgado, que o óleo da fundação da revista hoje no Gabinete do Comandante do Exército consagrou para a posteridade.

Ata de fundação de A Defesa Nacional

No dia vinte de Setembro de mil novecentos e treze, numa das salas do Clube Militar, na Capital Federal, presentes os abaixo assinados, realizou-se a primeira reunião dos interessados na publicação de uma revista que refletisse as ideias do novo Exército e fosse, por consequência, um órgão de combate e um instrumento de trabalho.

Aberta a sessão, às 4 horas da tarde, tomou a palavra o 1º tenente Leitão de Carvalho, que expoz os fins da reunião e os trabalhos realizados até aquela data, por ele orador, pelo capitão Mano Clementino de Carvalho e pelos 1º tenentes B. Klinger e Souza Reis. Se cogitando dos meios e fins da revista, de antemão denominava-se “A Defesa Nacional”, ficou resolvido que, salvos os casos expressos de responsabilidade que cada qual assume pelas ideias e juízos que publica, houvesse sempre a mais perfeita solidariedade em todos os sentidos, especialmente quanto ao onus-pecuniário a que por ventura venha a dar lugar a manutenção da revista.

E como nem todos os associados estivessem presentes, ficou também resolvido que esta Ata fosse lida e assinada por todos.

Por proposta do 1º tenente Taborda foram aclamados para dirigir a revista os tenentes Klinger, Leitão e Souza Reis, ficando o primeiro como chefe da redação; tratando-se da escolha de um secretário, foi, ainda por proposta do tenente Taborda, aclamado o 2º tenente Cidade.

No que diz respeito à impressão da revista, nada ficou resolvido, deixando-se, no entanto, os diretores encarregados de a contratar com quem mais vantagens oferecer. E como o fim principal deste livro de atas seja facilitar futuramente o estudo das condições em que surgiu e viveu esta revista, reclamada pelo momento histórico e pelas condições atuais do Exército, que vamos combater atrasadas e perigosas práticas, cumpre nos declarar que coube aqui toda a iniciativa ao 1º tenente Leitão de Carvalho, tendo como auxiliares imediatos o capitão Mario Clementino, os 1ºs tenentes Klinger e Souza Reis. E como nada mais houvesse a tratar, foi encerrada a sessão e marcada outra para o dia que fosse escolher pela diretoria.

F. de Paula Cidade, Secretário Confere: Bertoldo Klinger 1º Tenente, Estevão Leitão de Carvalho 1º Tenente Joaquim de Souza Reis Netto, Brasília Tarborda E. de Lima e Silva Parga Rodrigues.

Cientes: Mano Clementino Cap., Jorge Pinheiro José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti Euclides de Oliveira Eigueiredo, Amaro de Azambuja Villanova.

Editorial do nº 1 da revista A Defesa Nacional elaborado pelo Capitão Mário Clementino de Carvalho

A DEFEZA NACIONAL, que inicia com este número a sua carreira na literatura militar do país, tem o seu programa contido na fórmula que lhe serve de epígrafe. Como é fácil de ver, o escopo dos seus fundadores não é outro senão colaborar, na medida de suas forças, para o soerguimento das nossas instituições militares, sobre as quais repousa a defesa do vasto patrimônio territorial que os nossos antepassados nos legaram, e da enorme soma de interesses que sobre ele se acumulam.

De resto, os interesses militares se acham hoje em dia. e em todos os países do mundo, de tal forma entrelaçados aos interesses nacionais, que trabalhar pelo progresso dos meios de defesa de um povo é, senão o melhor, pelo menos um dos melhores meios de servir aos interesses gerais desse povo.

O caso do nosso país apresenta, além disso, algumas características particulares. Se nos grandes povos, inteiramente constituídos, a missão do Exército não sai geralmente do quadro das suas funções puramente militares, nas nacionalidades nascentes como a nossa, em que os elementos mais variados se fundem apressadamente para a formação de um povo,- o Exército - única força verdadeiramente organizada no seio de uma tumultuosa massa efervescente - vai às vezes um pouco além dos seus deveres profissionais para tornar-se, em dados momentos, um fator decisivo de transformação política ou de estabilização social.

A nossa pequena historia, bem como a de outros povos sul-americanos, está cheia de exemplos demonstrativos dessa afirmação.

É de balde que os espíritos liberais, numa justificada ânsia de futurismo, se insurgem contra as intervenções militares na evolução social dos povos: é um facto histórico que as sociedades nascentes têm necessidade dos elementos militares para assistirem á sua formação e desenvolvimento, e que só num grau já elevado de civilização elas conseguem emancipar-se da tutela da força, que assim se recolhe e se limita à sua verdadeira função.

Sem desejar, pois, de forma alguma, a incursão injustificada dos elementos militares nos negócios internos do país, o Exército precisa entretanto estar aparelhado para a sua função conservadora e estabilizante dos elementos sociais em marcha - e preparado para corrigir as perturbações internas, tão comuns na vida tumultuária das sociedades que se formam.

No que diz respeito ao exterior, o problema que o nosso Exército tem a resolver não é menos complexo. Vasto país, opulento e formoso, com 1.200 léguas de costa, abertas às incursões do lado do mar; com extensas linhas fronteiriças terrestres, do outro lado das quais se agitam e progridem muitos povos também em formação — não seria absurdo admitir a hipótese de que o Brasil viesse um dia a encontrar um sério obstáculo às suas naturais aspirações de um desenvolvimento integral.

E nesse dia, que pode estar próximo ou remoto, e sem saber de que lado virá o perigo, que pode vir do Norte como do Sul, do Oriente como do Ocidente — o Brasil não poderá verdadeiramente contar senão com as suas próprias forças, isto é, com a sua organização militar.

Mas a questão tem ainda um terceiro aspecto: O Exército, num país como o Brasil, não é somente o primeiro fator de transformação político-social, nem o principal elemento de defesa exterior: ele tem igualmente uma função educativa e organizadora a exercer na massa geral dos cidadãos.

Um bom Exército é uma escola de disciplina hierárquica, que prepara para a disciplina social, e é, ao mesmo tempo, uma escola de trabalho, de sacrifício e de patriotismo.

Um Exército bem organizado é uma das criações mais perfeitas do espírito humano, porque nele se exige e se obtém o abandono dos mesquinhos interesses individuais, em nome dos grandes interesses coletivos; nele se exige e se obtém que a entidade homem, de ordinário tão pessoal e tão egoísta, se transfigure na abstração **dever**; nele se exige e se obtém o sacrifício do primeiro e do maior de todos os bens que é a **vida**, em nome do princípio superior de **pátria**.

Compreende-se facilmente que uma instituição dessa natureza, que destaca, e põe em relevo, e fortalece aquilo que há de nobre e de heróico, e de sublime no barro comum — tem que exercer forçosamente uma influência salutar sobre o desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades.

Se essa influência, que sempre se fez sentir nas sociedades cultas da Europa, trabalhadas por dois mil anos de civilização, é, nas velhas sociedades já formadas, um meio valioso de aperfeiçoamento, que os filósofos reconhecem e assinalam — num país como o Brasil ela será, com mais forte razão, um fator poderoso de formação e de transformação de uma sociedade retardada e informe.

A necessidade, pois, de construirmos um Exército que corresponda às nossas legítimas aspirações de desenvolvimento e de progresso, está acima de qualquer discussão.

Num momento histórico, como o que atravessamos, em que a capacidade social de um povo se mede e se avalia pela sua organização militar - o Brasil, que é um dos mais opulentos países da terra, não pode cruzar os braços indiferente aos rumores de luta, que nos chegam dos quatro pontos cardiais e confiar a defesa do seu patrimônio aos azares do destino.

Há na história da nossa pátria a memória de algumas tentativas, que temos feito, no sentido de organizar um Exército regular — tentativas que infelizmente até hoje têm encontrado apenas um sucesso parcial ou relativo.

Para não levarmos a nossa análise muito longe, basta lembrar os esforços destes 24 anos de administração republicana. É um fato evidente que o país inteiro compreendeu a necessidade, que temos, de um sólido instrumento de guerra, e que sempre se mostrou nas melhores disposições para fazer sacrifícios de toda a sorte, em nome da defesa nacional.

Essa convicção geral repercutiu no seio do Exército, e nós começamos a trabalhar, de 1889 para cá.

Temos gasto nesse período um milhão e quinhentos mil contos de réis aproximadamente; fizemos duas reorganizações gerais e algumas parciais: o **Regulamento das Escolas Militares** foi reformado 4 vezes: 2 vezes no sentido de dar ao ensino teórico uma importância maior que ao ensino prático e 2 vezes no sentido contrário.

Alteramos várias vezes o plano de Uniformes e os regulamentos das Armas. O da arma de Infantaria foi transformado 4 vezes; e há soldados de 20 anos de praça, porque há os que sabem as quatro instruções dessa arma.

Enfim, para não alongar muito esta enumeração basta dizer nós temos trabalhado. E entretanto é hoje uma convicção generalizada, tanto no mundo militar como no mundo civil, que o Exército atual não corresponde absolutamente as nossas necessidades, e que o país está completamente indefeso.

Ora aí está o nosso verdadeiro ponto de partida, queremos dizer o da nossa revista A Defesa Nacional, que inicia com este número a sua carreira nas letras militares do país. Nós estamos profundamente convencidos que só se corrige o que se critica: de que criticar é um dever; e de que o progresso é obra de dissidentes.

Esta revista A Defesa Nacional foi fundada, por conseguinte, para exercer o direito, que todos temos, de julgar as coisas que nos afetam, segundo o nosso modo de ver, e de darmos a nossa opinião a respeito.

Mas nós também não perderemos de vista que tudo neste mundo é relativo, e que.. quand on comprend tout, on pardonne tout...

Nunca esqueceremos, nestas páginas, de fazer a mais rigorosa justiça daquele que nos precederam nesta senda, e que hoje, embranquecidos e trôpegos, os pés sangrando das durezas do caminho, se vão afundando, nas glórias fúnebres do poente...

Em todas as coisas desta vida é preciso não esquecer nunca a época em que elas foram feitas e o espírito que as ditou.

Muito do que hoje nos parece deslocado e anacrônico, foi racional e aceitável a seu tempo, assim como o que hoje nos parece excelente, será criticável amanhã.

Profundamente compenetrados dessas verdades eternas, nós desejamos que um largo espirito de tolerância e camaradagem estenda sobre as páginas desta revista **A Defesa Nacional** duas grandes asas brancas...

Não queremos ser absolutamente, no seio da nossa classe, uma horda de insurretos dispostos a endireitar o mundo a ferro e fogo — mas um bando de Cavaleiros da Ideia, que saiu a campo, armado, não de uma daga, mas de um argumento, não para cruzar ferros, mas para raciocinar, não para confundir, mas para convencer.

Foi com estas ideas que resolvemos fundar esta revista. Nela exerceremos necessariamente o direito da crítica: — as ideias, não aos indivíduos. Mas, tanto quanto nos for possível, dentro da fabilidade das coisas humanas, procuraremos manter sempre uma nobreza de atitude — digna daqueles para quem escrevemos.

Não nos move de forma alguma a preocupação pretenciosa de sermos os mentores dos nossos chefes nem dos nossos camaradas; entramos na liça apenas com um pouco de mocidade, um pouco de estudo e a maior boa vontade, e dos nossos chefes e camaradas ambicionamos tão somente ser prestimosos auxiliares e dedicados colaboradores.

Grupo Fundador:

Estevão Leitão de Carvalho, Mano Clementino de Carvalho, Joaquim de Souza Reis Bertholdo Klinger, Francisco de Paula Cidade, Brasília Tabora, Epaminondas de

Lima e Silva, Cesar Augusto Parga Rodrigues, Euclides de Oliveira Figueiredo. José Pompeo Cavalcanti de Albuquerque, Jorge Pinheiro e Amaro de Azambuja ViNa Nova.

Segundo o Marechal Odylio Denys em *Ciclo Revolucionário Brasileiro*, (Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980, p. 104), o presidente do Clube Militar na época era o General Pedro Tito Escobar, também comandante da Brigada Mista de Caçadores. Esse chefe deu apoio ao grupo fundador, acolhendo na sede do Clube várias palestras proferidas por Klinger, Souza Reis, Euclides Figueiredo e Leitão de Carvalho, antes da fundação.

Segundo Pedro Calmon, a Liga de Defesa Nacional, fundada por Miguel Calmon Du Pin e Almeida, liga-se à revista, pela solidariedade que ela emprestou ao histórico discurso que ele pronunciou na Bahia, em 1915, de retorno da Europa, de alerta ao despreparo militar do Brasil para a eventualidade de seu envolvimento na 1ª Guerra Mundial.

A projeção de **A Defesa Nacional** na instrução do Exército é focalizada com riqueza de detalhes pelo Marechal Odylio Denys, na obra citada, no anexo sob o título “Renovação do Exército — Missão Indígena”.

Merecem destaque as palavras de incentivo do Ministro da Guerra, General Caetano de Farias:

“A Defesa Nacional nunca se afastou do terreno profissional. Seus leitores encontraram em suas páginas o estudo de questões de organização militar, de regulamentações táticas, do modo de executar serviços, mas nunca tiveram de distrair a atenção dos soldados, para altas cogitações filosóficas ou outros assuntos alheios à profissão.”

A revista *A Defesa Nacional*, traduz a evolução do pensamento militar brasileiro de 1913 até o presente, bem como a evolução do Exército, o que é expressivo para nosso Exército, razão da importância da elaboração como Instrumento de Trabalho dos profissionais e historiadores do Exército de uma publicação com um índice de autores e assuntos da revista *A Defesa Nacional*, como procedeu o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ao atingir o seu nº 400 em jul/set 1998. Antes recorriamos ao índice de nosso professor na 2ª série ginasial no Ginásio Gonzaga em Pelotas professor Planela e por ele elaborado quando professor de História da PUC/ Porto Alegre, do qual doamos uma cópia ao IHGB e foi muito usada por seus membros e até copiadas por muitos.

Quando na Direção do Arquivo Histórico do Exército elaboramos os seguintes instrumentos de Trabalho; o do desempenho escolar dos alunos que estudaram na Academia Real Militar. O do livro registro de Engenheiros Militares e outros. E nos foi confiado pelo Cel Francisco Ruas Santos o Índice da **Revista da AMAN** e ele conseguiu publicar pela BIBLIEx o livro **Coleção Bibliográfica Militar** em 1960 com índices de publicações como **O Boletim Estado-Maior do Exército**, **Revista Nação Armada**, etc.

E argumentava que uma revista sem o índice de assuntos e autores é uma sepultura do pensamento militar, com o que concordo, e que cada historiador ao tratar de um assunto sempre inicia seu trabalho sem considerar, por desconhecer, outros trabalhos sobre o tema e por via de consequência não avança. E sempre recomeça sem aprofundamentos ou avanços. O que nos leva a lembrar uma definição de História de Honoré de Balzac de que ***“a História é doída se repete, se repete, se repete”***.

E assim ocorre no caso de nossas revistas e jornais militares sem índice, os historiadores e profissionais militares se repetem, se repetem, se repetem por não integrarem ao seu trabalho os já produzido sobre assunto por os desconhecerem.

Basta se imaginar como teriam sido mais desenvolvidas as monografias produzidas por alunos de nossas escolas militares e trabalhos profissionais militares se tivessem os autores ao seu dispor, por exemplo, de índice de revista **A Defesa Nacional** e acesso as suas coleções que creio existir raras completas. E caso se possa refazer uma coleção completa seria relevante a digitalizar e a colocar disponível em um site na Internet.

Aqui fica a sugestão reiterada da FAHIMTB, sobre comemorar-se o centenário de **A Defesa Nacional**, com índice de assuntos e autores e toda a sua coleção até 1960 que deve contar hoje com cerca 825 números.

A FAHIMTB pode contribuir com o concurso do índice de assuntos e autores de sua coleção em sua sede na AMAN elaborada pelo patrono de cadeira na FAHIMTB Cel Francisco Ruas.

Aliás historiador militar ao qual o Exército está a dever a Teoria de História do Exército Brasileiro para cuja elaboração concorreremos como seu adjunto e que foi traduzida pelo EME na publicação **Sistema de Classificação de Assuntos das Forças Terrestres Brasileiras**. Teoria que procuramos simplificar abordando os casos de emprego de forças terrestres do Brasil que figuram em nosso manual **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro** no Capítulo V com o título, Temas históricos sobre o emprego das Forças Terrestres Brasileiras para a pesquisa e estudo militar crítico com vistas a formação de seus combatentes e ao desenvolvimento da Doutrina 1a ed 1978. 2 ed 1999 e distribuídos a AMAN, EsAO, e a AHIMTB a última edição.

ARTIGOS DO AUTOR NA REVISTA A DEFESA NACIONAL

Convenção para recuperação: N° de ordem, título do artigo, n° da Revista, ano, meses e páginas

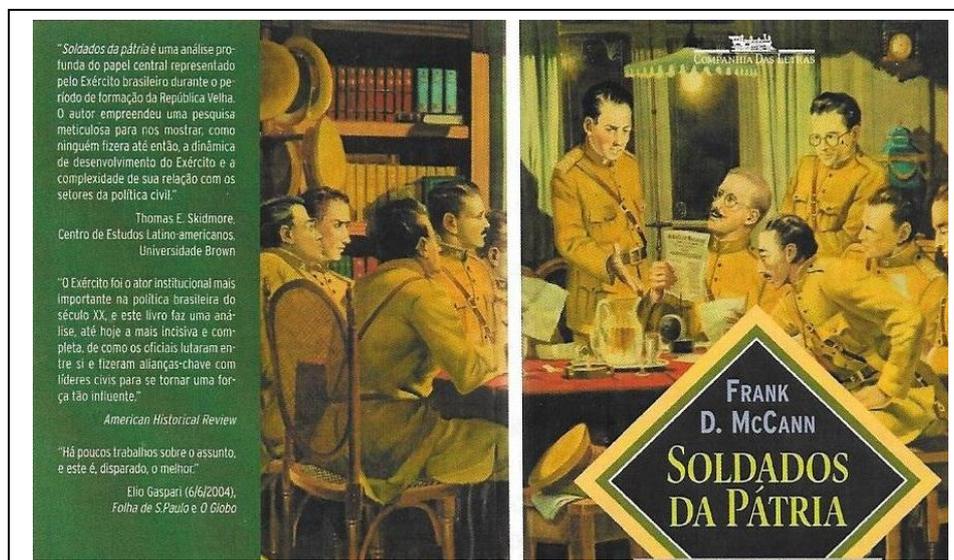
- 1 — Evocação da Guerra do Paraguai 632 1970 jul/ago 33-49
- 2— O Exército no desenvolvimento do Nordeste 633 1970 set/out. 91-92
- 3 — Um sertanejo que foi um dos maiores generais do Brasil (Brigadeiro Antônio de Sampaio) 637 1971 jul/ago 83-90
- 4—A guarnição federal do Recife há cem anos e o seu comandante (Mal. Emilio Luiz Mallet) 641 1972 jan/ fev. 135
 - 5 — Bagé e o lanchão farroupilha “Seival” 636 1972 mar/abr. 119- 122
- 6— Hipólito da Costa — fundador do jornalismo Brasileiro. 643 1972 mar/abr 59-68
 - 7 — Contribuição aos festejos do centenário de D. Pedrito (RS) 647
1973 jan/fev 19-26
 - 8 — Centenário do Libertador do Acre (Plácido) 652 1973 nov/dez 19-26
 - 9—Mallet—o artilheiro símbolo do Brasil 663 1975 set/out 124/132
 - 10 — Bicentenário da conquista Forte de São Martinho 663 1975 set/out 7 1/76
 - 11 — Bicentenário da Restauração do Rio Grande (Sul) aos espanhóis 666 1976
mar/abr. 9-20

- **12**— Caxias e o uso militar de aeróstatos 666 1976 mar/abri 95-197
- **13** — Estudo. militar dos fatores da decisão na Batalha de Passo do Rosário Passo. 672 1977 62-1 07
- **14** — Marchas estratégicas dos Exércitos para a Batalha do Passo do Rosário 680 1978 nov./dez 71-88
 - **15** — General Osório — pensamento militar. 684 1979 jul/ago.
- **16** — Paula Cidade — um soldado a serviço do progresso do Exército 709 1983 set/out. 13-35 (Foi um dos fundadores da A Defesa Nacional)
 - **17**— Centenário de nascimento do Gen. Bertoldo Klinger co-fundador de A Defesa Nacional 711 1984 jan./fev. 5-16
- **18** — Reunião no Clube Militar par a fundação de A Defesa Nacional 715 1984 set./out. 168/169
 - **19** — Apresentação a artigo de Artur César Ferreira Reis, Imperialistas ou sub. Imperialista. 715 1984 set/out 133 A pedido de Pedro Calmon)
- **20** — O Poder Nacional e o estudo militar crítico da História Militar. 717 1985 jan/fev. 75-81
 - **21** — Registros Arquivo de Exército tem novo Diretor 717 1985 jan/fev 166
 - **22** — Travessia Militar de Brechas e Cursos D'água no Brasil (1645-1986) 722 1985 nov./dez. 90/106 (Ilustrado)
- **23** — Revolução Farroupilha — Desenvolvimento Estratégico e ação pacificadora de Caxias 723 1986 jan/fev. 90/106
- **24** — Mal José Caetano de Farias — Projeção como Chefe do EME e Ministro da Guerra na Reforma Militar 724 1986 mar/abr 93/1 24
 - **25**— O brasileiro que foi general de Bolívar 725 1986 mai/jun
- **26** — Sesquicentenário do Combate do Seival o berço da República Brasileira 726 1986 jul/ago 44-85
 - **27**— Pedro Calmon e a AMAN 727 1986 set/out. 31/33
 - **28** — Os 70 anos do 10 Sorteio Militar 727 1987 jun/fev 120-130
- **29**— Marechal Denys uma vida inimitável 729 1987 jul/ago 132-135 (Comentário de livro com sua biografia)
 - **30**— O aniversário do Mal. Deodoro 732 1987 mai/jun 149-1 53
- **31** — O Exército e a Abolição pensamento e ação. Trabalho premiado em 10 lugar e concurso promovido pela BIBLIEX 738 1988 jul/ ago 7/37
- **32** — Centenário do Colégio Militar do Rio de Janeiro 743 1989 mai/ jun 104
- **33** — Marechal Deodoro saúde pensamento e ação em 15 de novembro de 1889 744 1989 jul/ago 7-26 (Pesquisa histórica básica)
 - **34** — Libertação de Angola pelo Rio de Janeiro 744 1989 jul/ago 150-1 53
 - **35** — Os radicais da República 744 1989 jul/ago 155-156
 - **36** — Sesquicentenário do Marechal Floriano 744 1989 jul/ago 157- 158
- **37** — Cinquentenário da Visita do Gen George Marshal ao Brasil 746 1980 nov./dez. 155-157
 - **38** — Ensino Militar-Cultura Geral x Profissional 746 1980 nov/dez 157
 - **39** — Sesquicentenário do Combate do Rio Pardo 740 1988 nov/ dez. 41-52
 - **40** — 100 anos do Gen. Aurélio de Góes Monteiro 747 1988 jan/mai 164-165
 - **41** — Enfoques sobre a Proclamação da República 749 1990 jul/set
 - **42** — Gen. Div. A. Tasso Fragoso (biografia) 750 1990 out/dez 105- 130
- **43** — Capa óleo — Fundação de Defesa Nacional feita pelo pintor Álvaro Martins, com base em pesquisa e orientação nossa a pedido da BIBLEX 750 1990 out/dez capa (ver

detalhes início este artigo)

- **44** — Controvérsias - Proclamação da República 749 1990 ju/set 750 1990 out/dez 17/37
- **45** — O ilustrador da História Militar do Brasil (Miranda Jr) 752 1991 abr/jun 148
 - **46** — A Revolta da Vacina Obrigatória 1904 752 1991 abr/jun 149
 - **47** — A Fortaleza de Santa Cruz vista por um Alde. Inglês 752 1991 abr/jun 149
 - **48** — O Exército na 1ª Guerra Mundial 752 1991 abr/jun 145 (Importante)
 - **49** — Caxias e a ponte do Passo Geral da Jacuí 852 1991 abr/jun 146
- **50** — Barão do Rio Branco um diplomata da escola com alma de soldado 754 1991 out/dez 139
- **51** — Bicentenário da mais antiga academia militar das Américas 754 1991 out/dez 141
 - **52** — Um Capelão do Exército o 1º bispo do RGS 754 1991 out/dez 143
- **53** — As duas faces da glória 755 1992 jan./nov. 59-62 Resposta a livro sob este título com abordagens sobre a FEB e abordagens inéditas sobre o inimigo na frente da FEB.
- **54** — Vultos do Ensino Militar 755 1992 jan/nov 133 (Comentário livro do Cel Arivaldo Silveira Fontes presidente da Fundação Osório)
 - **55** — Centenário do Marechal Odylio Denys 756 1992 abr/jun 131
 - **56** — O combate da Vila Amapá 756 1992 abr/jun 132
 - **57** — Sesquicentenário da pacificação de SP e MG 757 1992 jul/set 144
- **58** — Figuras e fatos de Sergipe 758 1992 out/dez 159 (Comentário livro do Cel Arivaldo Silveira Fontes presidente da Fundação Osório)
 - **59** — Um jornal do Exército na Guerra do Paraguai 75,8 1992 out/ dez 166
- **60** — O Pioneirismo do Exército no Movimento Tradicionalista Gaúcho 759 1993 jan/mar 155
- **61** — Bicentenário do Ensino Militar Acadêmico nas Américas e do Ensino Superior Civil 759 1993 jan/mar 156
- **62** — Sistema Luiz Jacome de doma e a Cavalaria Brasileira 759 1993 jan/mar 156 (Um picadeiro do CMRJ leva seu nome)
- **63** — A Revolução Paulista de 1932 - Operações Militares 760 1992 abr/jun 101/102 (Foi palestra em Cruzeiro-SP no 600 aniversário desta Revolução a convite do Instituto de Estudo Valeparaibanos).
- **64** — Formação de Oficiais do Exército no RGS 1853-1 911 761 1993 jul/set 181. (Mais tarde produzimos Escolas Militares de Rio Pardo 1855/1911)
- **65** — Etimologia das graduações e postos dos Exército (1500-1 553) 761 1993 jul/set 183/185
 - **66** — O centenário da Revolta na Armada (Esquadra) 762 1993 out/ dez 25/58 (Pesquisa histórica básica)
- **67** — A Heurística aplicada a seleção de fontes históricas confiáveis 765 1994 ju)/set 121/126
 - **68** — Revista da Escola Militar da Praia Vermelha 765 1994 jul/set 147
 - **69** — Centenário do sítio federalista de Bagé 764 1994 jan/mar 151/1 63
- **70** — Cercos de Bagé e da Lapa - duas resistências épicas da História Militar do Brasil 767 1995 jan/mar IO3ss.
- **71** — Centenário da inauguração do 1º QG do Exército no RGS 767 1995 jan/mar 147 (Na cidade de Rio Grande próximo da Biblioteca da cidade)
- **72** — As repercussões do combate do Cerro do Ouro em São Gabriel na invasão do Paraná 766 1994 out/dez
- **73** — Uma possível explicação a violência na Guerra Civil na região Sul 1893/1895 768 1995 abr/jun p. 141

- **74** — Contribuição Paulista ao Combate a Guerra Civil 1893-95 769 1995 jul/set p. 119-140 (Pesquisa Histórica básica)
- **75** — Troféus de combate do Gen. Tasso Fragoso no Museu AMAN 769 1995ju1/set 162/163
 - **76** — Marechal Floriano Peixoto - centenário morte 771 1996 1 trim. 111-120
 - **77** — Pacificação da Revolução de 93 (Guerra Civil no Sul 1893/95) Itriml
- **78** — Campo de Concentração de Prisioneiros de Guerra da Marinha alemã em Pouso Alegre-MG na 2 Guerra Mundial 770 19954 tnm
 - **79** — Canabarro filho adotivo de Santana 773 1996
- **80** — Caserna de Bravos Comentário livro de Osório Santana Eigueiredo sobre o o quartel de Mallet em São Gabriel RS 774 1996 4 tirm
- **81** — Operações da Aviação do Exército em Resende, na Revolução de 1932 775 1997 jan/mar 115 1120 (Pesquisa histórica básica)
 - **82** — O Duque de Caxias Ministro da Guerra 1998 jul/set. 25/58
 - **83** — O uso militar de jangadas no Brasil em 1º Abril 1776
 - **84** — Um significado de Canudos para as FTB 778 1997 out/dez
- **85** — Interpretação da Batalha de Passo do Rosário pelo Duque de Caxias -777- 1997, 154/1 57;
 - **86** — As Guerras Holandesas - Evocação no 350º Aniversário da 1ª Batalha dos Guararapes - 780 - 1998, 5/26;
- **87** — Caminhos Históricos e estratégicos de penetração no Vale do Alto Paraíba - 784, 1999, jan/ago - 113/1 30
 - **88** — Caxias e a doutrina militar terrestre brasileira - 788 - 2000, set/ dez, 150/153;
- **89** — Influências estrangeiras na Doutrina Militar Terrestre Brasileira 789 - 2000. jan./abr - 143/1 46
 - **90** — Caxias vítima da manipulação da História - 792 - 2002, jan./ abr. 2000
 - **91** — A necessidade de uma História Militar da Amazônia - 790, mai./ ago. 133/138 (Em2004 escrevemos Amazônia Brasileira Conquista. Consolidação. Manutenção História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2004. Porto Alegre:AHIMTB, 2004) 96
- **92** — Bicentenário da Guerra de 1801 no Rio Grande do Sul (conquista dos Sete Povos) 791, 2001, set/dez, 5/9;
- **93** — Getúlio Vargas e a evolução da Doutrina do Exército. 802 2005, mai./ago - 51/57. (Pesquisa histórica básica)
- **94** — O Exército e a Revolução Farroupilha, uma releitura (A Revolução foi feita pela Guarnição do Exército e a Guarda Nacional), 803 - 2005, set./dez. 54/56



Consagração dos fundadores de A Defesa Nacional na capa da foto mostrada Soldados da Pátria — História do Exército Brasileiro 1889-1937 de Frank D. Mc Cann, publicada pela BIBLIEx. Quando poderia ter avançado mais Mc Cann se tivesse tido a seu alcance um índice de autores de A Defesa Nacional para desenvolver ainda mais o seu notável trabalho, incorporando trabalhos de oficiais brasileiros que produziram sobre o assunto, mas com seus trabalhos sepultados por falta de Índice Geral da Revista, que traduz a evolução do pensamento militar brasileiro sepultado nesta preciosa coleção, por falta de um índice. Votos de que em 1913, centenário de A Defesa Nacional ele possa ser perenizado com um índice de autores e assuntos e mais do que isto com uma coleção de A Defesa Nacional digitalizada acessível pela Internet aos alunos de nossas escolas militares, aos instrutores de história, aos chefes, aos pensadores e planejadores militares de nosso Exército, hoje de um país com expressiva projeção econômica e social crescentes, mas ao que nos parece, salvo melhor juízo, contraria esta lição da História da Humanidade “País rico deve ser forte militarmente.” Tarefa de responsabilidade dos poderes Executivo e Legislativo, assessorados pelas carreiras de Estado, os militares e diplomatas. Creio que a responsabilidade da Defesa Nacional é dos poderes Executivo e Legislativo eleitos pelos brasileiros para os representar e o defender, não por seu braço armado as suas Forças Armadas, se não forem colocados a sua disposição os meios necessários para que desenvolvam Poder Militar defensivo dissuasório compatível.



Cel. Inf. Mário Clementino de Carvalho a homenagem da FAHIMTB a um pensador militar brasileiro esquecido

Integrou os 12 fundadores da **Revista Nacional**, o Capitão de Infantaria Mário Clementino de Carvalho. Ele foi o autor do histórico e contundente Editorial do nº 1 de A Defesa Nacional que transcrevemos neste trabalho, para a meditação dos profissionais militares brasileiros de hoje e do amanhã.

Ele era até pouco tempo um desconhecido no tocante a sua vida e obra e pensamento militar.

E este esclarecimento inicial foi feito pelo acadêmico e presidente da AHIMTB/ Rio de Janeiro Marechal João Batista de Mattos o Eng. Ten. R/2 Art. Israel Blajberg, depois de mergulhar em sua Fé de Ofício sob a guarda do Arquivo Histórico do Exército.

Instituição esta de que nos orgulhamos de a haver dirigido de 1985-1990. E foi com o auxílio do acadêmico emérito Gen. Ex. Jonas de Moraes Correa Neto, então Secretário do Exército e com a aprovação do Ministro do Exército Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves tivemos aprovada nossa proposta de mudar a sua denominação de Arquivo do Exército, repartição então voltada para basicamente para o fornecimento de certidões, para a de Arquivo Histórico do Exército. E a partir daí voltado para a preservação de fontes da História do Exército e de seus integrantes do passado, com a nobre missão de Casa de Memória Histórica do Exército.

Missão traduzida em placa de bronze, que colocamos em sua entrada, com a permissão do citado Secretário do Exército, ao qual o Arquivo estava subordinado.

O acadêmico Israel selecionou da obra de Mário Clementino estas preciosas lições de Arte Militar, extraídas de sua obra; **Lições de História Militar — Notas de Aula**, Rio de Janeiro. Estado-Maior do Exército, 1931.

Lições preciosas que aprendemos na ECEME 1967/69 e que as utilizamos desde 1971, ao produzirmos nosso trabalho; **As Batalhas dos Guararapes — análise e descrição militar**. Recife:UF PE,1971.

Obra em que Mário Clementino condenou o bacharelismo que se implantou no ensino do Exército de 1874-1905.

Bacharelismo também condenado por seu colega de **A Defesa Nacional**, o Marechal Estevão Leitão de Carvalho que viria a chefiar a Missão Militar Brasil-EUA, bem como outros expressivos chefes de nosso Exército, como os Marechais João Batista Mascarenhas de Moraes, o comandante da FEB e Odylio Denys entre outros chefes. E condenava os bacharéis que julgavam que podiam fazer uma campanha com régua e compasso como quem faz Geometria. E assim descrevia a relevância da Arte Militar.

“A Arte da Guerra exclui qualquer esquematismo. E não há maior perigo do que se pretender querer conduzir uma campanha com régua e compasso, como quem faz geometria...”

Exemplificando o pensamento do Marechal Ferdinand Foch professor de História Militar da Escola Superior de Guerra da França e que dali saiu para comandar a vitória aliada na 1ª Guerra Mundial. Mano Clementino escreveu em suas aulas de História há 81 anos.

“Durante os períodos de paz mais ou menos longos, é do estudo meditado da História Militar que os comandos dos exércitos se preparam para as eventuais campanhas futuras.

Esse estudo é de tal forma proveitoso que se têm visto exércitos que durante largo tempo só estudaram a guerra nos livros, baterem em campanhas recentes exércitos aguerridos, porém que deram mostras de menosprezo ao estudo teórico dos princípios da Arte da Guerra.

De 1815-1866 o Exército da Prússia não tinha ido à guerra. Entretanto venceu com notável maestria em 1866 o Exército da Austria que vinha de realizar campanha de 1859.

O Exército do Japão só aprendeu a Arte da Guerra com a experiência alheia, adquirida de missões militares alemã e francesa. E na Manchúria revelou conhecimento completo da Arte da Guerra e fez campanha notável sob todos os pontos de vista.

Não se deve concluir disto que a mera acumulação na memória dos fatos da História Militar (História Militar Descritiva) confira a capacidade para comandar exércitos. Se assim fosse seria fácil ser um general cabo de guerra. Mas não é isto!

A Guerra é produto de um conjunto de circunstâncias múltiplas e várias, e o que se pode afirmar é que nenhuma campanha se reproduz da mesma forma no espaço e no tempo, de modo que possa ser copiada ou rigorosamente imitada de campanhas recentes.

O que interessa no estudo da História Militar (Crítica), no mais alto nível, é a capacidade de discernir, destacar e isolar os princípios da Arte da Guerra que regem o fenômeno, da massa enorme de fatos que deles se depreendem, como uma

emanação espiritual. (N. - é o que nosso Presidente Cel Bento classifica como História Militar Crítica).

E mesmo depois que se fez isso, depois que os Princípios da Arte da Guerra foram isolados, destacados e compreendidos, aqueles que aspiram as culminâncias da Arte Militar tem de ir um pouco além.

Tem que penetrar-lhes (Princípios da Arte da Guerra) em seu senso filosófico e por vezes esotérico, sua extrema elasticidade diante das circunstâncias, o seu relativismo inflexível, os seus conflitos mútuo-arentes ou reais, os paradoxos a que eles por vezes conduzem e, ao lado disso, o seu caráter imutável e eterno, a sua incoercibilidade irreduzível em determinadas emergências, a implacabilidade de seus decretos, as consequências desastrosas que às vezes acompanham as suas mais elementares infrações. Tudo isto deve o general discernir e compreender em meio do tumulto e do entrecchoque dos motivos, os mais diversos, que entram no fenômeno da guerra: motivos/psicológicos, biológicos, industriais, geográficos, topográficos, climatéricos, místicos, políticos e outros..."

A vida deste notável soldado que aqui resgatamos para conhecimento mais amplo com a pesquisa do acadêmico Israel Blajberg, sua oração de posse na AHIMTB onde foi recebido pelo hoje acadêmico emérito e ex-Ministro do Exército e a seguir Comandante do Exército Gen. Ex. Gleuber Vieira, em 30 de novembro de 2006, no Museu Conde de Linhares.

Sessão preservada no Volume 39 de posses daAHIMTB, p. 73/305, hoje depositada no interior da AMAN, no acervo da FAHIMTB/AHIMTB/Resende — Marechal Mário Travassos.

Mário Clementino nasceu no Rio em 7 de maio de 1976, um ano antes da Revolta de Canudos. Com 12 anos frequentou na Fortaleza São João a Escola de Aprendizes de Artilheiro.

Matriculado na Escola Militar do Ceará. Por ocasião da Revolta da Armada 1893/94 embarcou no Cruzador Niterói da Esquadra Legal, formada pelo Presidente Marechal Floriano Peixoto. Revolta que abordamos em artigo: Centenário da Revolta da Armada **A Defesa Nacional nº762**, out/dez 1993.p.18/49.

Em 3 de nov. 1895 foi promovido ao posto de Alferes de Infantaria, por serviços prestados à consolidação da República.

Prosseguiu seus estudos na Escola Militar da Praia Vermelha, sendo em 1900 graduado Bacharel em Matemática e Ciências Físicas.

A seguir trabalhou na Construção do Sanatório de São Paulo no alto da serra da Mantiqueira, a esquerda da rodovia Piquete-Itajubá. E depois trabalhou na Comissão de Linhas Telegráficas do Paraná.

Retornando ao Rio em 1904 foi auxiliar da Comissão de Engenharia sendo cumulativamente, professor de ensino teórico na Praia Vermelha, no ano da revolta desta escola que passou a História como a Revolta da Vacina Obrigatória título de nosso pequeno artigo na **A Defesa Nacional**: nº 762 out/dez 1993.p.25/28.

Em 1905, ainda Alferes, serviu novamente na Esquadra Legal em operações no litoral brasileiro.

Foi classificado no 3º BI em Rio Grande, no histórico quartel do grupo de Artilharia Marques de Tamandaré, onde foi instrutor geral. De retorno ao Rio, fez viagem de estudos aos EUA em 1908.

Em 1910, como 1º Tenente, ao retornar de viagem de curso de Infantaria no Exército Alemão foi nomeado auxiliar do Estado-Maior do Exército (EME).

Em 1912, na época da fundação da **A Defesa Nacional** foi promovido a Capitão e nomeado professor de inglês na Escola de Artilharia e Engenharia no Realengo, local onde neste ano funcionou a Escola de Guerra transferida de Porto Alegre e que foi denominada em 1913, Escola Militar do Realengo com nova orientação.

Serviu na Companhia Regional do Alto Acre em Rio Branco e no 53º no Batalhão de Caçadores em Lorena, São Paulo. E depois foi nomeado, em 1916, internamente, professor de 2º ano da atual ECEME.

Retornou a tropa ao 15º Batalhão do 5º RI em Florianópolis e a seguir no comando em Itajaí-SC do 14º Batalhão do 5º RI, já com Revolta do Contestado pacificada pelo Gen Bda Fernando Setembrino de Carvalho. Em 1918 no Rio ficou adido a Escola Militar do Realengo e assumiu a regência das aulas de inglês.

Em 1919 foi reformado a seu pedido no posto de major, por pressões resultantes de sua atuação na **A Defesa Nacional**.

Em 1931 reverteu ao serviço ativo em decorrência da Revolução de 30, sendo promovido a Tenente Coronel a contar de 1928 e a coronel a partir de 1930, devendo figurar no Almanaque acima do Cel. Estevão Leitão de Carvalho.

Em 1932 recebeu o seguinte elogio de seu comandante o General Arthur Sílio Portela.

“Louvo o esforço e dedicação que dispensou com a preocupação de bem servir o Exército no preparo de seus oficiais. As lições que professava eram eloquentes atestados de um grau de cultura que muito honrou o corpo de docentes militares “.

Em 1934 foi louvado pelo Cel. Francisco José Pinto ao deixar o comando das Escolas Técnicas do Exército e Militar Provisória, para assumir a chefia do Gabinete de Ministro da Guerra Gen Div Pedro Aurélio Góes Monteiro.

“Peço neste instante permissão ao Sr. Cel. Mário Clementino, muito digno professor da 5ª aula de História Militar do 30 ano, para testemunhar-lhe a minha profunda admiração pelo cabal desempenho e inexcelsável competência com que rege a referida aula de História Militar. Esses predicados que ornaram o Sr. Cel. Mário Clementino não constitui para mim novidade. Desde o seu ingresso no oficialato do Exército Brasileiro, que me habituei a o ver muito justamente pela sua vasta cultura intelectual e profissional e pela inteireza de seu diamantino caráter, como um dos mais brilhantes ornamentos do quadro de professores militares’

Em 1934 integrou a Comissão Examinadora de História Militar da Escola Militar Provisória. Em 1936 aos 60 anos foi transferido para a Reserva, por haver atingido a idade limite.

Este foi o pensador militar esquecido e professor de História da Escola Militar, autor do notável, contundente e corajoso Editorial do nº 1 de A Defesa Nacional. Revelação, justa e oportuna graças a notável pesquisa do acadêmico Eng. Ten. R/2 Israel Blajberg, presidente da AHIMTB/RJ Marechal João Batista de Matos.

E muito ainda precisa ser resgatado da vida e obra de Mário Clementino, o que será possível quando se dispuser de um índice de autores e assuntos da revista e A Defesa Nacional e de uma coleção digitalizada da mesma e de um aprofundamento de sua Fé de Ofício (Alterações no Arquivo História do Exército).

DEDICATÓRIA

A Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e suas 4 academias de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) federadas em Resende/RJ, no Distrito Federal, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, dedica este trabalho como justa homenagem a todos os autores que em 100 anos contribuíram com seus artigos na Revista **A Defesa Nacional** para construir o precioso tesouro que ela registra em especial a **Evolução do Pensamento Militar Brasileiro**, durante um século. Tesouro que necessita ser resgatado através de um índice de assuntos e de autores em uma coleção digitalizada a disposição da Inteligência Nacional com responsabilidades pela A Defesa Nacional e em especial dos alunos das Escolas de nossas Forças Armadas para a elaboração de monografias curriculares cada vez mais aprofundadas incorporando ideias de autores que já abordaram os assuntos objeto de sua monografia.

